CLAUDE

LÉVI-STRAUSS

Saudades de São Paulo



IMS
INSTITUTO MOREIRA SALLES

COMPANHIA DAS LETRAS

Em meados dos anos 30, o jovem Claude Lévi-Strauss percorria, curioso, as ruas de São Paulo, onde havia se fixado com sua esposa Dina para lecionar na recém-fundada Universidade de São Paulo. Vinte anos depois ele lançaria um dos clássicos da antropologia moderna, *Tristes trópicos*, em que relata suas impressões de viagem pelo Brasil e apresenta o resultado das pesquisas etnográficas sobre os grupos indígenas Bororo, Nambiquara e Cadiveo.

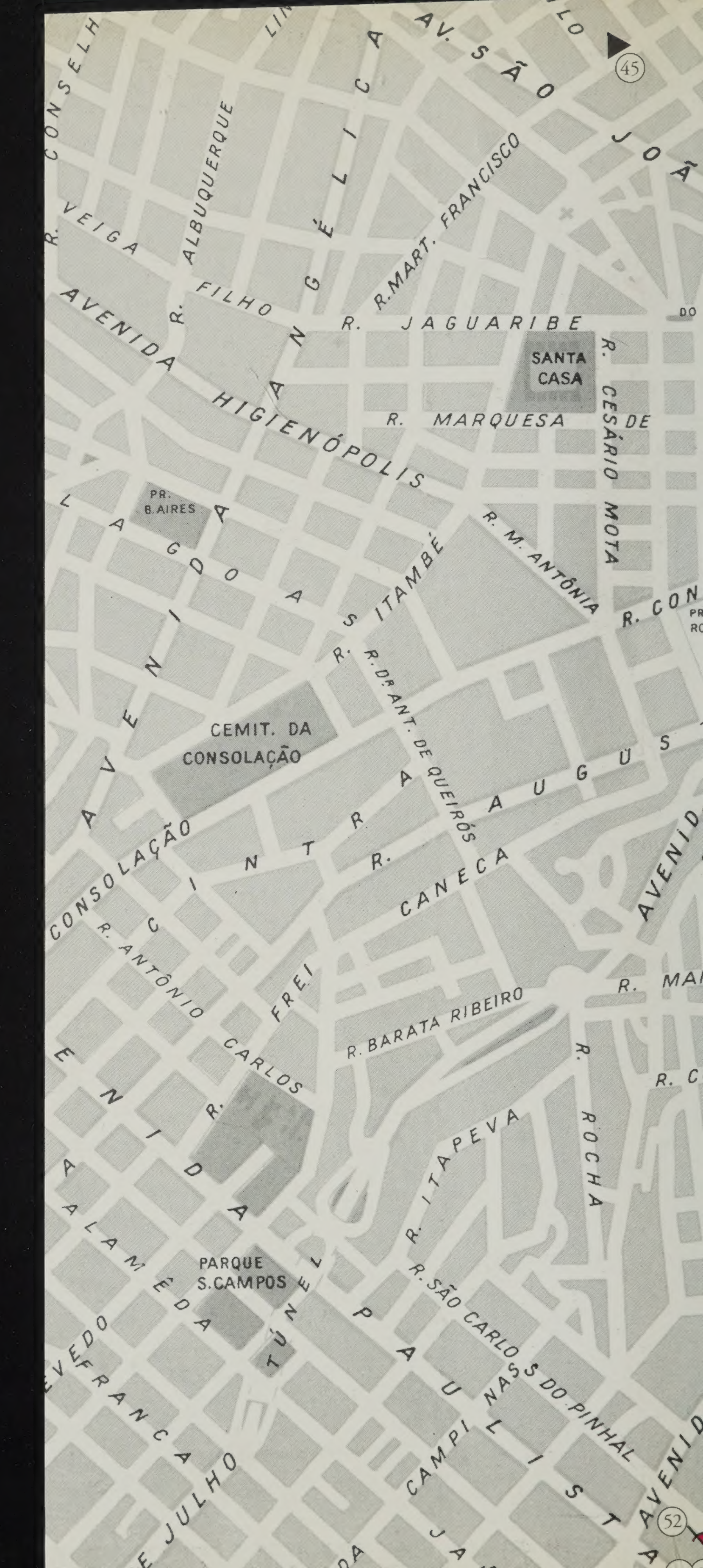
A São Paulo que Lévi-Strauss registra em suas fotos passava, como hoje, por um período de mudanças. Com seu primeiro milhão de habitantes, o crescimento físico vinha acompanhado por transformações na estrutura de serviços e, principalmente, por novos comportamentos. Modernos edifícios de apartamentos faziam fundo ao casario baixo, e blocos carnavalescos ainda percorriam a cidade cada vez mais movimentada.

Lévi-Strauss está interessado na diversidade da paisagem, intrigado com a "harmoniosa" convivência de contrastes. Para quem conhece a São Paulo dos anos 90, estas fotografias são profundamente reveladoras; ao mesmo tempo que registram o desaparecimento de um tecido urbano do qual atualmente quase não restaram vestígios, mostram também o vertiginoso crescimento da cidade.

Saudades do Brasil (1994) traz parte desse conjunto de fotografias realizadas no Brasil, com destaque para os grupos indígenas do Mato Grosso e da Amazônia. As imagens específicas de São Paulo, que tão bem captam o espírito do antropólogo por trás do fotógrafo amador, recebem agora esta edição especial.

Passados sessenta anos, Lévi-Strauss não mais reconhecia muitos dos lugares que fotografou, o que exigiu uma investigação — em arquivos fotográficos e de jornais, e algumas "pesquisas de campo" — cujo resultado se encontra nas legendas do final do livro. Assim, unindo fragmentos e associando os dados das fotos e dos arquivos, um pouco mais da história da cidade pôde ser revelada, em toda a sua riqueza e complexidade.

Ricardo Mendes





Os números correspondem às páginas

Saudades de São Paulo

Apoio cultural



COMPANHIA BRASILEIRA DE METALURGIA E MINERAÇÃO

CLAUDE
LÉVI-STRAUSS

Saudades de São Paulo

Organização:
RICARDO MENDES

Projeto gráfico:
EDITORA M.A.S

Tradução:
PAULO NEVES



Capa:
Editora M.A.S

Cópias das fotos:
Cristóbal Zañartu (*França*)
Exceto as imagens das pp. 25, 28, 50,
52, 55, 62/63, 73, 74, 75, 77 e 79
realizadas pelo Positivo Fotolab (*Brasil*)

Mapa:
A partir do Guia turístico da cidade de São Paulo,
São Paulo, Melhoramentos, c. *1954*
(*col. da Livraria S. Bach* f.:*257-4362*)

Preparação:
Márcia Copola

Revisão:
Touché! Editorial
Carmen S. da Costa

Agradecemos a Divisão de Pesquisas
do Centro Cultural São Paulo pela
colaboração na realização deste trabalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lévi-Strauss, Claude, 1908-
Saudades de São Paulo / Claude Lévi-Strauss ; tradução Paulo Neves ; projeto gráfico M.A.S ; organização Ricardo Mendes. — São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

ISBN 85-7164-521-3

1. Fotografias - Brasil - São Paulo (SP) 2. São Paulo (SP) - Descrição 3. São Paulo - História - 1930- I. Mendes, Ricardo. II. Título.

95-5313 CDD-779.998161

Índices para catálogo sistemático:
1. São Paulo : Cidade : Fotografias : Coleções 779.998161

1996

EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Tupi, 522
01233-000 — São Paulo — SP
Telefone: (011) 826-1822
Fax: (011) 826-5523

Saudades de São Paulo

PREFÁCIO

A palavra *saudade* seria intraduzível, dizem os brasileiros; e os japoneses dizem o mesmo de uma palavra de sua língua, *aware*. É curioso que essas palavras tenham algo em comum: seríamos tentados a dar a ambas um sentido próximo de *nostalgia*. No entanto, nos enganaríamos, já que *nostalgia* existe em português e o japonês forjou um sinônimo tirado do inglês *homesick*. Os sentidos não são portanto os mesmos.

De acordo com a etimologia, *nostalgia* refere-se ao passado ou ao longínquo, ao passo que, parece-me, *saudade* e *aware* traduzem uma experiência atual. Seja pela percepção ou pela rememoração, seres, coisas, lugares são o objeto de uma tomada de consciência impregnada do sentimento agudo de sua fugacidade.

Se, no título de um livro recente, apliquei ao Brasil (e a São Paulo) o termo *saudade*, não foi por lamento de não mais estar lá. De nada me serviria lamentar o que após tantos anos não reencontraria. Eu evocava antes aquele aperto no coração que sentimos quando, ao relembrar ou rever certos lugares, somos penetrados pela evidência de que não há nada no mundo de permanente nem de estável em que possamos nos apoiar.

Como distinguir hoje o que provinha, quando cheguei ao Brasil, aos 27 anos, de um ardor ainda juvenil ou das circunstâncias tão novas em que me vi colocado? Meus colegas da missão universitária francesa e eu éramos, quase todos, pequenos professores em liceus de província cujo desejo de evasão, cujo gosto pela pesquisa haviam chamado a atenção de Georges Dumas. Após termos vivido em alojamentos muito modestos, nos instalávamos em vastas casas particulares com jardim nas quais nossas esposas seriam servidas por domésticas (a primeira em nossa casa foi uma mulata muito bonita que tivemos de despedir porque em nossa ausência tomava os vestidos de minha mulher para ir dançar nos clubes carnavalescos; depois, duas encantadoras irmãs portuguesas que não tinham, somadas suas idades, quarenta anos, e que foi preciso contratar juntas, pois não queriam se separar).

Embora em São Paulo a altitude livrasse o clima do abafado calor tropical, podiam-se vestir roupas mais leves que na França. Não estávamos habituados ao luxo. Um deles era o alfaiate vir tomar nossas medidas e fazer as provas em domicílio. O baixo preço dos produtos alimentares e dos serviços nos dava a impressão de termos escalado vários degraus na escala social. Profissionalmente também, uma vez que éramos promovidos do ensino secundário ao ensino superior, tendo por alunos homens e mulheres jovens geralmente de nossa idade e que às vezes a ultrapassavam.

Todas essas novidades, às quais se acrescentavam as da língua, dos costumes, das paisagens, das espécies animais e vege-

tais, alimentavam uma alegria que, acredito, beneficiava também nosso ensino. De minha parte, creio jamais ter cumprido minhas tarefas profissionais com mais entusiasmo que numa cidade e num país onde tudo parecia por descobrir, em razão de nossa ignorância da realidade brasileira, certamente, mas também porque as condições da pesquisa ainda eram, em certa medida, tais como haviam sido na Europa no século XIX. Podia-se acreditar, e aliás era verdade, que tantas coisas novas esperavam apenas, para serem postas à luz, um observador dotado de um pouco de imaginação e perspicácia.

Retrospectivamente, não me parece que esse ardor alegre tenha sido alterado de forma duradoura pelas dificuldades profissionais que eu ia encontrar. Um colega francês, um pouco mais velho que eu e que me antecedera em um ano na universidade, quis me colocar numa posição subordinada. Encontrou um ouvido complacente junto à direção de *O Estado de S. Paulo*, que tinha ascendência sobre a universidade. Eu não era o durkheimiano de estrita observância que desejavam; e minhas ligações com o Museu do Homem me designavam como próximo de seu diretor, o dr. Paul Rivet, reputado de extrema esquerda. Essa razão política, que não suspeitei enquanto estive no Brasil, soube-a bem mais tarde por um testemunho de meu sucessor na universidade, Roger Bastide (homônimo do colega de que falei; em razão da corpulência de um e da pequena estatura do outro, os estudantes os haviam chamado respectivamente "o Bastidão" e "o Bastidinho"). O fato é que, quando re-



Retrato em pastel de Júlio de Mesquita Filho executado por meu pai — Raymond Lévi-Strauss — durante sua estadia em São Paulo.

nunciei a solicitar a renovação de meu contrato para me dedicar durante um ano a uma missão etnográfica e retornar em seguida à França, nenhum esforço foi feito para me reter.[1] Mas, muitos anos mais tarde, Júlio de Mesquita Filho, em visita a Paris, solicitou um encontro e veio me ver no Collège de France. O esforço que isso lhe custou — pois a escada até o laboratório de Antropologia Social era alta, e ele tinha a respiração ofegante — traduzia, como pude compreender, seu desejo de apagar as sombras do passado.

Em face do meio um tanto pretensioso de *O Estado de S. Paulo*, muito ligado ao poder político (Júlio de Mesquita Filho era, ao que me lembro, cunhado do interventor do Estado, Armando de Salles Oliveira), meus colegas e eu nos achávamos em posição de clientes, no sentido romano do termo. Como outros, sentia-me infinitamente mais à vontade no Departamento de Cultura da municipalidade. Em torno de Mário de Andrade, grande poeta e espírito profundamente original, apaixonado pelo folclore e as tradições populares, agrupavam-se homens jovens e de grande cultura, historiadores, eruditos, ensaístas, como Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e sobretudo Paulo Duarte, pois



Mário de Andrade fazendo uma pesquisa sobre folclore, em dia de festa, numa pequena cidade nos arredores de São Paulo.

nos unimos numa amizade fraterna que prosseguiu em Nova York e em Paris.

O autor de um livro recente dedicado a São Paulo[2] despende muita engenhosidade para demonstrar a tese segundo a qual a revelação do estruturalismo me teria vindo do contato com São Paulo e Nova York. Seis anos separam, no entanto, as duas experiências: não se compreende bem uma revelação levar um tempo assim tão longo. Embora admirando a sutileza do autor, que invoca a ausência de dimensão temporal própria às



Eu em companhia de Paulo Duarte e de sua mulher, Juanita.

cidades do Novo Mundo, eu poria no final o que ele põe no começo. O estruturalismo — para não lhe buscar antepassados mais remotos — remonta a Goethe e a Wilhelm von Humboldt, depois se separa em dois ramos que conduzem, um, a D'Arcy Wentworth Thompson, o outro a Saussure, Benveniste, Trubetskoi, Jakobson. Sou o produto dessa longa história, e se algumas intuições me puseram no bom caminho, devo-as sobretudo ao espetáculo da natureza. O que é verdade é que o estruturalismo explica meu interesse pelas cidades e que ele me fez vê-las sob um ângulo que, para simplificar, pode chamar-se morfológico.

Mas também aí eu tinha ilustres predecessores, particularmente Durkheim e Mauss em seu estudo de 1901-2 sobre as formas primitivas de classificação. Com eles aprendi a traçar a diferença entre o espaço do geômetra, contínuo, homogêneo em todas as suas partes, e o espaço social no qual, consciente ou inconscientemente, cada grupo humano imprime uma estrutura, no qual distingue regiões e orientações dotadas de qualidades próprias que refletem o sistema de valores do grupo e sua organização. Ora, a cidade é primeiramente um espaço, talvez indiferenciado antes que homens o ocupem; mas a maneira como, ao longo dos séculos ou dos anos, eles escolhem se distribuir nesse espaço, a maneira como as diversas formas de atividade política, social, econômica se inscrevem no terreno, nada disso se faz ao acaso, e é apaixonante investigar se as cidades se diferenciam em tipos e se é possível discernir constantes em sua estrutura e seu desenvolvimento.

Muito antes de conhecer os Estados Unidos, eu também fora marcado pelos trabalhos que, entre 1915 e 1930 mais ou menos, a escola dita de Chicago realizou nessa cidade, e cujo alcance teórico ela soube exprimir. O caso de Chicago, como o das outras cidades do Novo Mundo, era particularmente propício para analisar o fenômeno urbano em razão da curta duração de sua existência e da sua evolução muito rápida.

Cheguei portanto a São Paulo preparado para encontrar bem mais do que um novo quadro de vida: uma daquelas experiências em tempo e em dimensão reais geralmente vedadas às ciências humanas por causa da lentidão com que se modificam os fenômenos e da impossibilidade material e moral de agir sobre eles. Aqueles entre meus ex-alunos que lançarem os olhos sobre estas linhas se lembrarão talvez da importância que tinha a cidade em meu ensino. À guisa de trabalhos práticos, eu lhes propunha a rua onde moravam, o mercado ou o cruzamento mais próximo, cabendo-lhes observar e descrever a repetição no espaço dos tipos de habitação, das categorias sociais e econômicas, das atividades profissionais etc. Talvez alguns desses trabalhos ainda existam.

Em São Paulo, ao interesse de nossas pesquisas era acrescido o fato de a geografia local impor coerções de outro tipo. Poucas cidades foram construídas num terreno tão acidentado, ou, mais exatamente, num terreno que as obras públicas, no momento em que lá me encontrava, não haviam ainda modificado substancialmente. Num olhar de relance percebia-se que a cidade se estendia sobre as elevações e as encostas de um planal-

to que vários cursos d'água tinham escavado. Donde um perfil inverso ao do Rio de Janeiro, e que explica que nesta última as habitações mais pobres se situassem nos morros desfavorecidos pela falta d'água, enquanto em São Paulo se situavam nos baixios, pela razão inversa de que os riachos engrossados pelas chuvas constituíam ali um sério inconveniente. As coerções geográficas e as coerções sociológicas se combinavam, ora adicionando e ora opondo suas forças para engendrar situações completas que nos dedicávamos a deslindar.

Sob esse aspecto, as cidades fundadas pela empresa britânica encarregada de abrir à colonização o vizinho estado do Paraná nos ofereciam um contra-exemplo particularmente instrutivo. Em intervalos regulares ao longo da ferrovia em construção, espaços desprovidos de acidentes naturais haviam sido escolhidos por permitirem traçar um plano geométrico em que as ruas se cortavam em ângulo reto. A via férrea progredia em direção ao oeste. A cada quinze quilômetros mais ou menos, uma cidade nova nascia. O viajante atravessava sucessivamente as estações Londrina, que em 1935 já contava com 3 mil habitantes, depois Rolândia, com sessenta, e Arapongas, mais recente, com um só.

No mesmo mês em que aparecia em São Paulo *Saudades do Brasil*, chegou-me em Paris uma carta da prefeitura de Londrina, atrasada várias semanas. Nela me informavam que em dezembro de 1994 seria celebrado o sexagésimo aniversário de fundação da cidade, e me convidavam para as cerimônias como uma das mais antigas testemunhas ou quase. Em 1935, recor-

davam-me, eu me havia comprazido em imaginar o aspecto futuro da cidade, certo de que, mesmo que os planejadores se mostrassem indiferentes ao espaço, estruturas mentais inconscientes se aproveitariam dessa indiferença para invadir o domínio vago e nele se exprimir de forma simbólica ou real, um pouco como as preocupações inconscientes se aproveitam do sono para se exprimir. A carta de Londrina me assegurava que a cidade havia se desenvolvido da forma como eu tinha previsto e, mais tarde, contado no capítulo XIII de *Tristes trópicos*. Mas o que eu gostaria de sublinhar aqui é que minhas especulações não teriam sido possíveis se o simples fato de viver em São Paulo, de percorrer a cidade a pé em longos passeios, não me tivesse exercitado em considerar o plano de uma cidade e todos os seus aspectos concretos como um texto que, para compreendê-lo, é preciso saber ler e analisar.

Pois, naquele tempo, podia-se flanar em São Paulo. Não como em Paris ou em Londres, diante de lojas de antiguidades. Se estou bem lembrado, São Paulo possuía apenas uma, que se chamava, creio, Corte Leal. Em vez das cerâmicas pré-colombianas e dos objetos indígenas que se esperava ver, na vitrine havia somente uma louça cabila, aliás quebrada. Comprei para minha casa da rua Cincinato Braga quatro ou cinco móveis brasileiros do fim do século passado, em jacarandá maciço, como se viam ainda em algumas fazendas, e fora de moda na cidade. Mas, justamente, não era preciso pedir à cidade outros objetos de contemplação e de reflexão senão ela mesma: imensa desordem

em que se misturavam numa confusão aparente igrejas e prédios públicos da época colonial, casebres, edifícios do século XIX e outros, contemporâneos, cuja raça mais vigorosa tomava progressivamente a dianteira.

Para os estrangeiros que residiam em São Paulo, a estrada de Santos era então um percurso familiar. Num tempo em que os aviões de longo curso para passageiros não existiam (uma pequena linha aérea apenas começava a funcionar entre São Paulo e Rio. Devo a ela meu batismo no ar) e em que todas as viagens transatlânticas se faziam por via marítima, ia-se de bom grado a Santos para esperar a chegada ou acompanhar a partida dos colegas, parentes, amigos ou viajantes importantes.

Um dia, a missão universitária francesa se deslocou em peso para saudar Georges Duhamel, escritor célebre eleito naquele mesmo ano para a Academia Francesa, a bordo do navio que o conduzia com sua mulher a Buenos Aires. Também em Santos, às vésperas de deixar definitivamente o Brasil, encontrei pela primeira vez Alfred Métraux, que ia dos Estados Unidos para a Argentina. Enquanto seu barco (um paquete misto, como a maior parte dos que faziam escala em Santos) carregava ou descarregava o frete, passeamos por praias selvagens e desertas, provavelmente inalteradas desde que no século XVI os primeiros navegadores ali desembarcaram. A curta distância de Santos, inalterados desde a época imperial, pequenos portos de pesca

eram objeto de excursão: Guarujá, Praia Grande, onde, ao entardecer, parelhas de bois rebocavam na praia os barcos de regresso, aliança imprevista do peixe e do gado...

Pendurada no flanco da serra do Mar, a estrada vertiginosa que se elevava da costa até o planalto oferecia ao viajante vindo da Europa suas primeiras imagens da floresta tropical. Chegando ao topo, ele avistava do lado do mar um prodigioso espetáculo: terra e água misturadas como na criação do mundo, imersas numa bruma nacarada que mal encobria o verde-vivo dos bananais. Para chegar à cidade, tinha-se ainda que atravessar no planalto extensões ingratas onde o solo, devastado pelas culturas de cafeeiros que o haviam esgotado, deixava ver apenas os vestígios dos montículos que indicavam o lugar de cada pé. Restos de vida camponesa subsistiam, porém, aqui e ali, entre loteamentos modernos que formavam uma rede de malhas tanto mais frouxas quanto mais se afastavam do centro da cidade. Essa terra e essa sociedade, inteiramente de contrastes, eram para nós objeto de uma curiosidade apaixonada. No seio da missão francesa, Fernand Braudel, o historiador, Pierre Monbeig, o geógrafo, Jean Maugüé, o filósofo, e eu, com nossas mulheres (Maugüé era o único solteiro), formávamos uma pequena equipe muito coesa. Não perdíamos uma ocasião de sair pelos arredores de São Paulo atrás de descobertas, seja do lado do mar, no fundo de ravinas atravessadas por frágeis passarelas, seja ao norte da cidade, em áreas ainda plantadas de cafeeiros, para nos entregarmos a veleidades de pesquisas arqueológicas.



Em cafezal onde subsistiam, supunha-se, traços de ocupação indígena, Dina Lévi-Strauss demonstra a Fernand Braudel e Jean Maugüé o emprego de uma sonda arqueológica.



Uma excursão aventurosa: em primeiro plano, Dina Lévi-Strauss, depois Fernand Braudel diante de Pierre Monbeig e, ao lado, Jean Maugüé.



Fernand Braudel, antes de se tornar o célebre historiador que viria a ser, sentado à mesa num pequeno restaurante nos arredores da cidade.



Evoquei, em *Tristes trópicos* (final do capítulo XI), as "homenagens" que os estudantes organizavam para festejar seus professores. Esta nos associava, Pierre Monbeig e eu, pois os estudantes sabiam que éramos amigos. À esquerda, vê-se Pierre Monbeig, de jaquetão, com Dina Lévi-Strauss à sua esquerda. Eu estou atrás deles, de perfil. Juliette Monbeig está à esquerda de Dina. Todos os outros são estudantes. Lembro-me de muitos nomes, e seus rostos permanecem familiares. Mas — peço que me desculpem — após sessenta anos não sei mais exatamente que nome associar a cada rosto, que rosto a cada nome.

Quando, em 1985, foi entregue a espada a Fernand Braudel antes de sua recepção solene na Academia Francesa, recordei em meu discurso que essa cerimônia ocorria quase exatamente, no mesmo dia, cinqüenta anos após nosso primeiro encontro no Brasil. Braudel não existe mais e nossos companheiros de então, Monbeig e Maugüé também desapareceram. Se vivessem ainda, tenho certeza de que se juntariam a mim para dizer, como Braudel já o havia feito durante um discurso,[3] que o Brasil foi o grande período de nossas vidas.

Todas estas fotos foram tiradas entre 1935 e 1937. Alguns rolos de negativos sofreram com o desgaste do tempo e com as tribulações a que foram expostos meus arquivos em conjunturas muitas vezes arriscadas.

---

[1] Irene de Arruda Ribeiro Cardoso, *A universidade da comunhão paulista*, São Paulo, Cortez, 1982. Citado por Luís Donisete Benzi Grupioni, *Coleções etnográficas sob suspeita*, xerogr. 1992, n. 25. Mas contrariamente à frase atribuída a Roger Bastide ou mencionada por ele, jamais escrevi artigo político no *Estado* nem exprimi opiniões políticas sob nenhuma forma enquanto estava no Brasil.

[2] Massimo Canevacci, *A cidade polifônica. Ensaio sobre antropologia da comunicação urbana*, São Paulo, Livros Studio Nobel, 1993, pp. 77-95.

[3] *Discours de réception de M. Fernand Braudel à l'Académie Française et réponse de M. Maurice Druon*, Paris, Arthaud, 1986, pp. 44, 91-2.

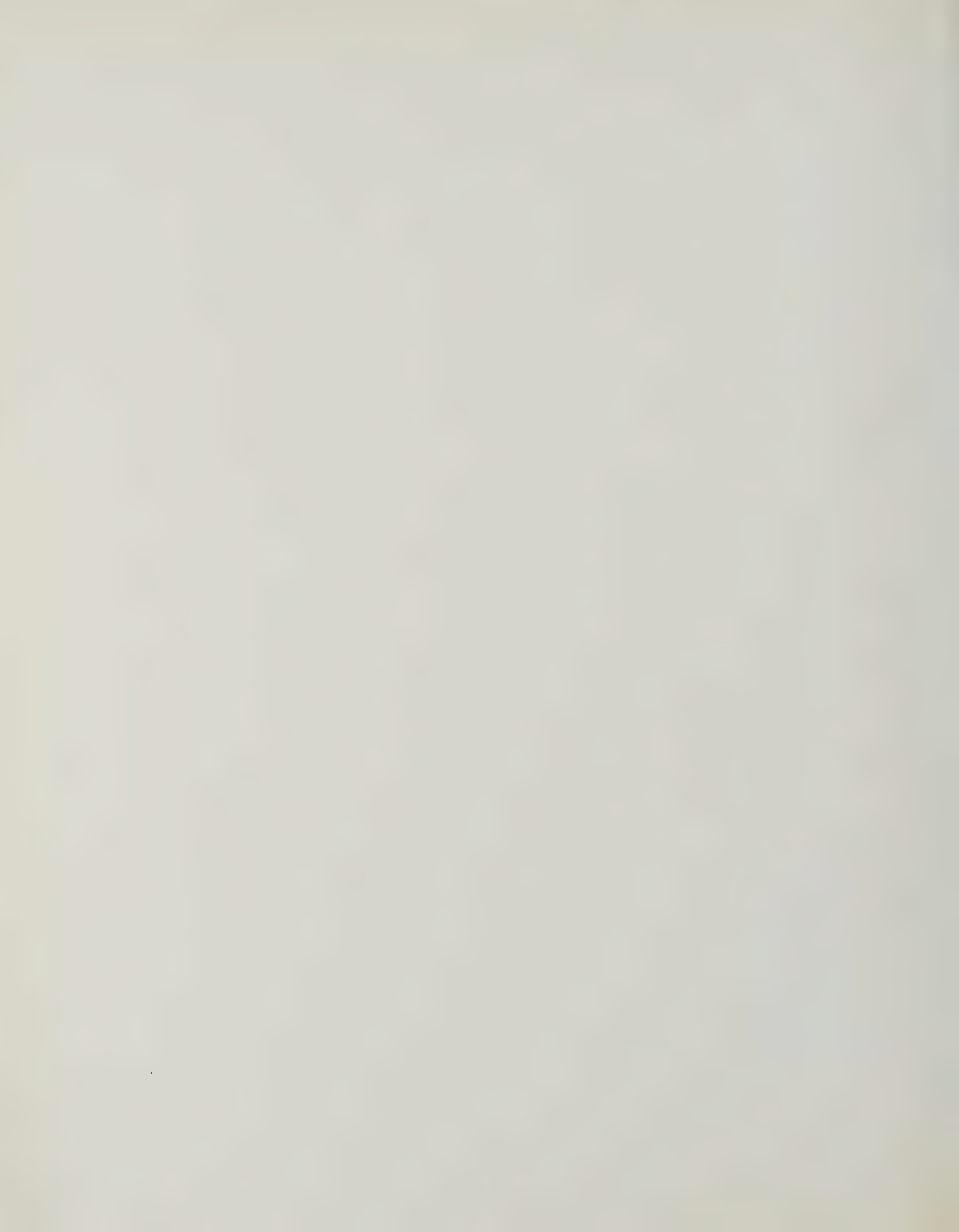


Se coloquei o prédio Martinelli na abertura desta coletânea, é que em 1935 ele era ao mesmo tempo um referencial e um símbolo.

Único arranha-céu de toda a cidade, aos olhos dos paulistanos simbolizava a ambição de que esta se tornasse a Chicago do hemisfério sul. Ambição que se realizou desde então, e foi além...

O prédio Martinelli era também um referencial cuja silhueta dominava todos os outros prédios. Era visto de quase toda a parte, mesmo do fundo dos barrancos escarpados que desciam das elevações onde corria a avenida Paulista. Ainda entregues à natureza, esses barrancos abrigavam as habitações mais pobres, com os riachos, à guisa de esgotos, transformados em torrentes quando chovia.

Mas o arranha-céu impunha sua presença majestosa sobretudo no início da avenida São João, artéria nova cuja abertura não estava ainda terminada. Descendo a pé a avenida em direção ao oeste, ficava-se obsedado por sua massa rosada que se percebia toda vez que se olhava para trás. Mesmo à distância, ela obstruía o horizonte tanto de dia como ao anoitecer, quando as ornamentações feitas para o Carnaval se iluminavam.




GESSY
CREME DENTAL
MANTEIGA
AVIAÇÃO



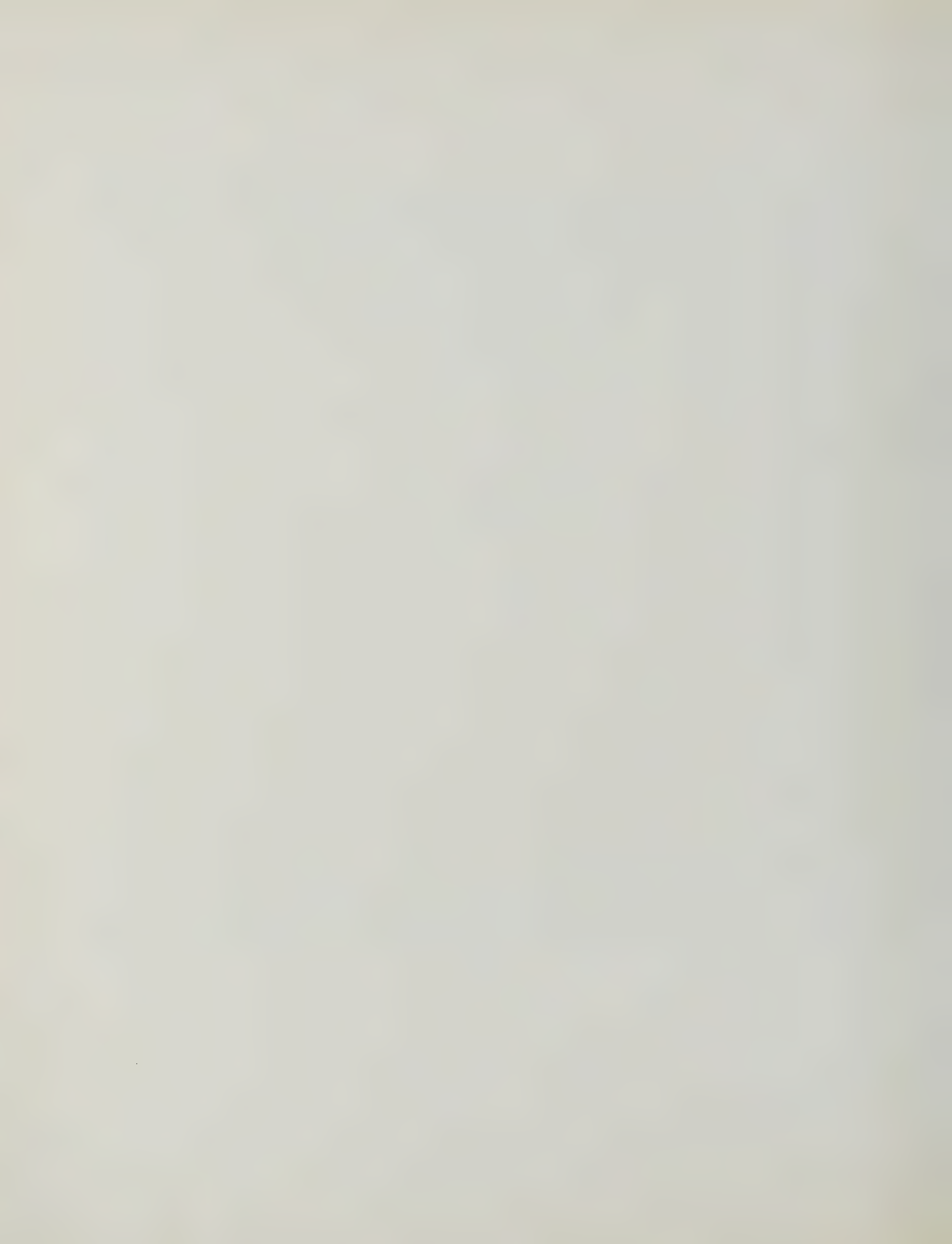















OMETRO
COT
CISÃO


Esso




METRO



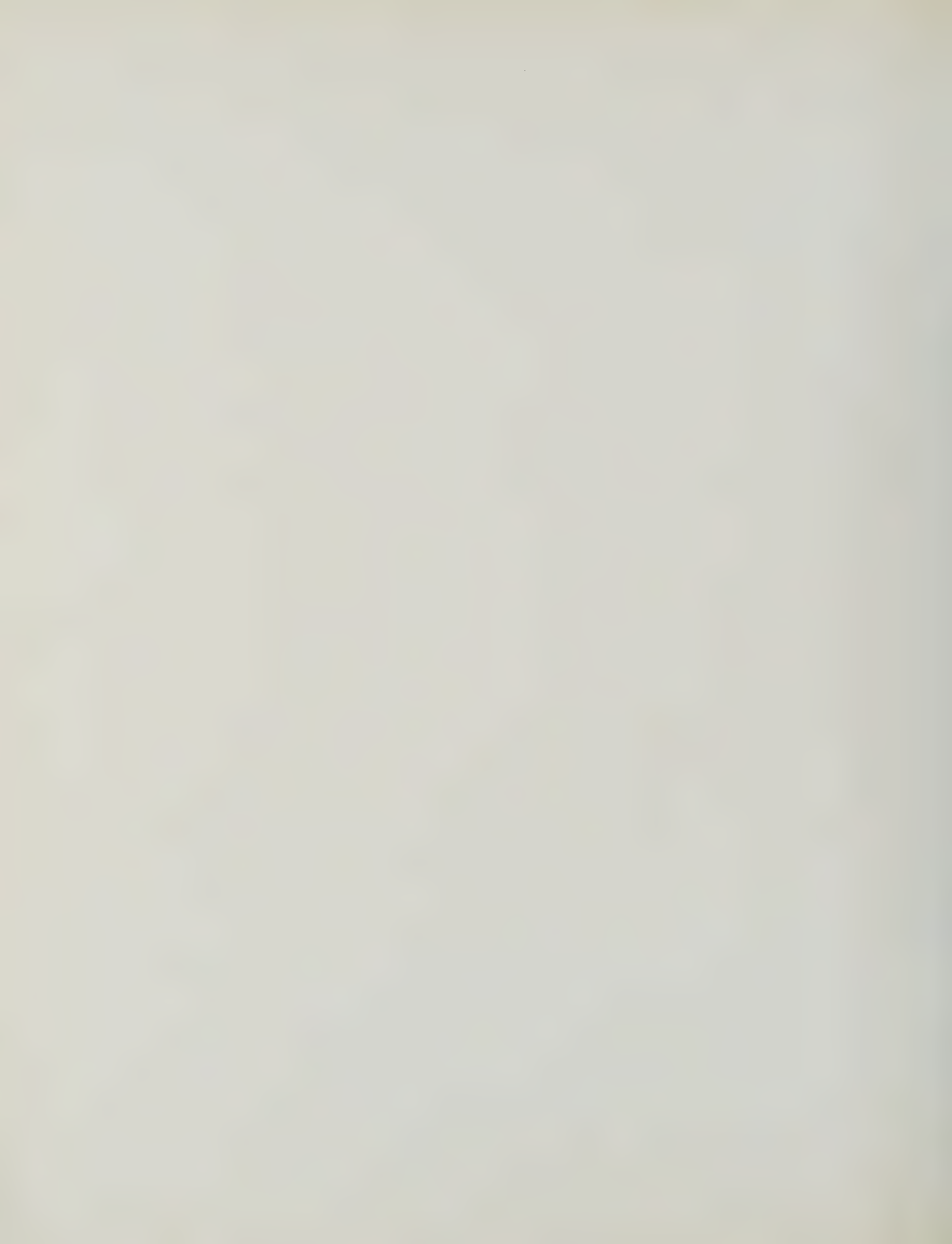








Meus colegas e eu havíamos chegado a São Paulo em pleno Carnaval. Na mesma noite saímos em exploração através da cidade. Num bairro popular, uma casa baixa com janelas abertas deixava ouvir uma música tonitruante e viam-se pessoas dançando. Aproximamo-nos, um negro alto que guardava a porta disse que podíamos entrar para dançar, mas não para olhar. Dançamos portanto com aplicação, receio que sem a menor habilidade, e causando muitos incômodos às mulheres jovens, negras também, que, numa total indiferença, aceitavam nossos convites.

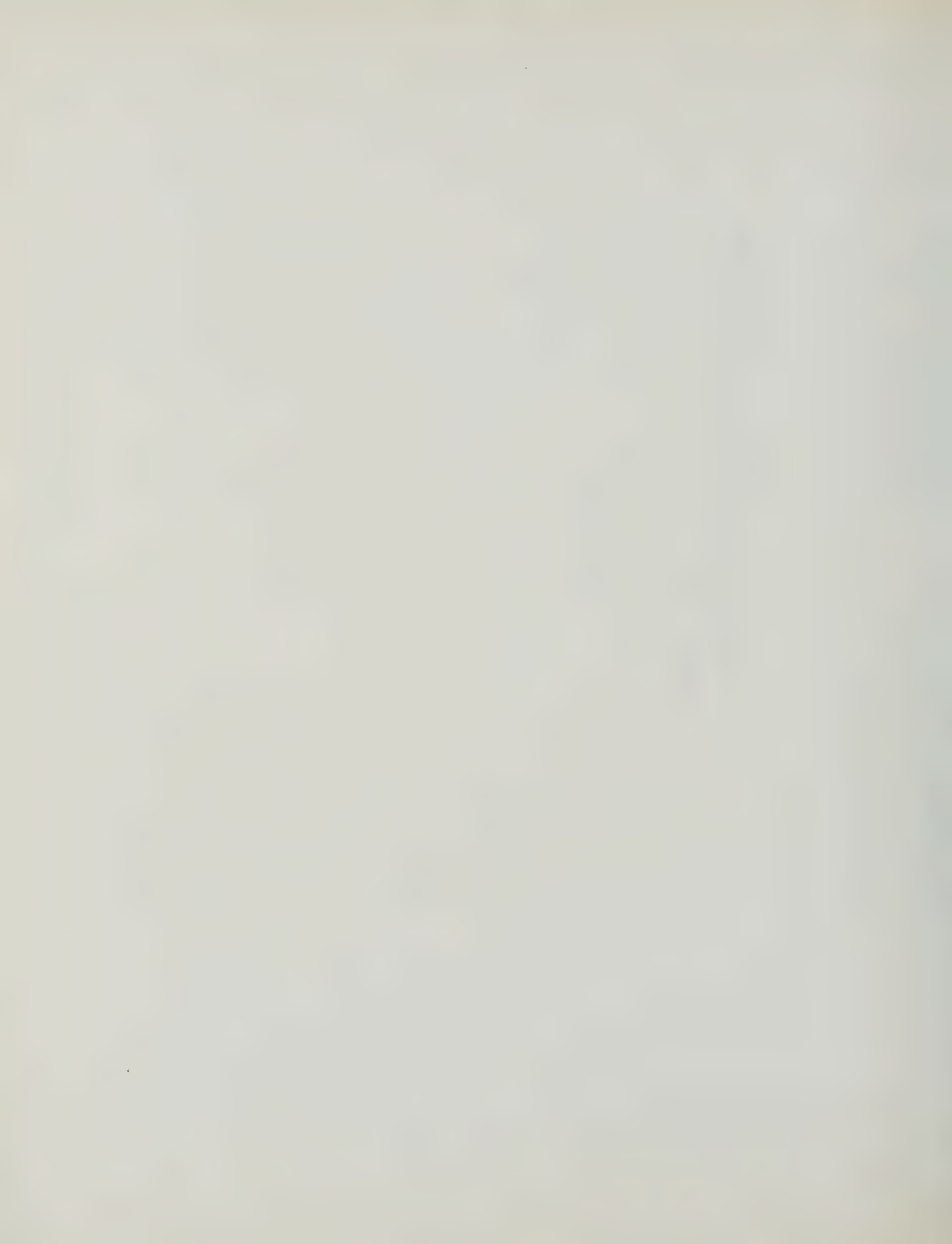












Eu alugava na rua Cincinato Braga uma casa térrea construída provavelmente no início do século e cujo número, não sei por quê, mudou várias vezes durante minha estadia. Era um bairro antiquado, tranqüilo, embora bem mais próximo do centro que os Jardins — Paulista, América —, onde meus colegas, cedendo à moda, haviam escolhido residir. Das janelas de minha casa, situada quase na esquina com a rua Carlos Sampaio, percebia-se através das ramagens um muro que corria ao longo da rua Cincinato Braga, encerrando jardins.

Paralela à avenida Paulista, em nível um pouco inferior, a rua Cincinato Braga situava-se ainda nas elevações de onde, a alguma distância, descortinava-se o vasto panorama de um bairro em plena desordem. Eu perambulava com freqüência por essa região,* fascinado pelos contrastes entre construções muito modernas, avenidas ainda provincianas, colinas quase rústicas e uma parte da cidade que conservava um aspecto de aldeia.

* Meu pai, que aparece nas fotos das páginas 51 e 80 (pois meus pais tinham vindo morar comigo), representou essa paisagem urbana num quadro que se encontra hoje na Maison de l'Amérique Latine, em Paris.

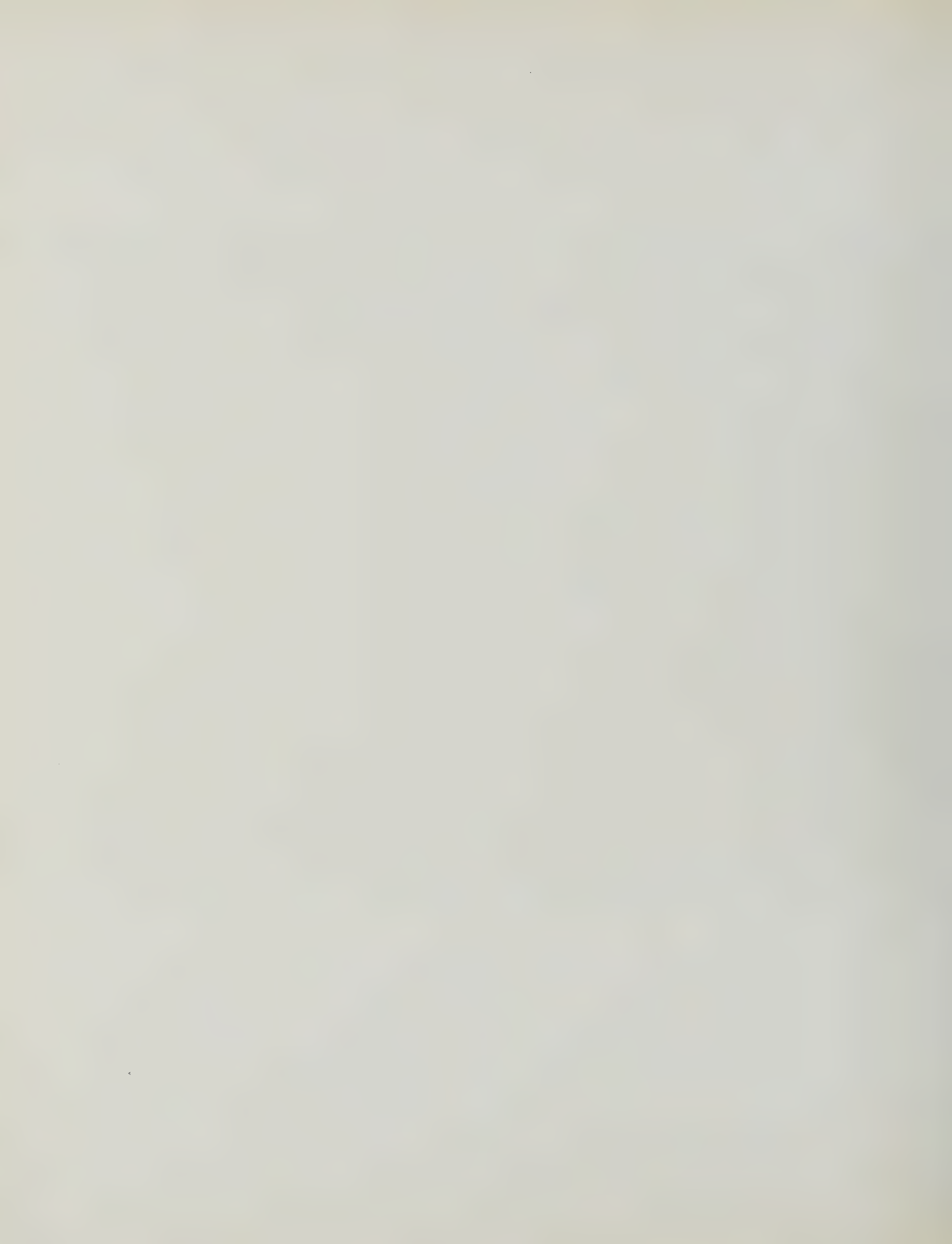








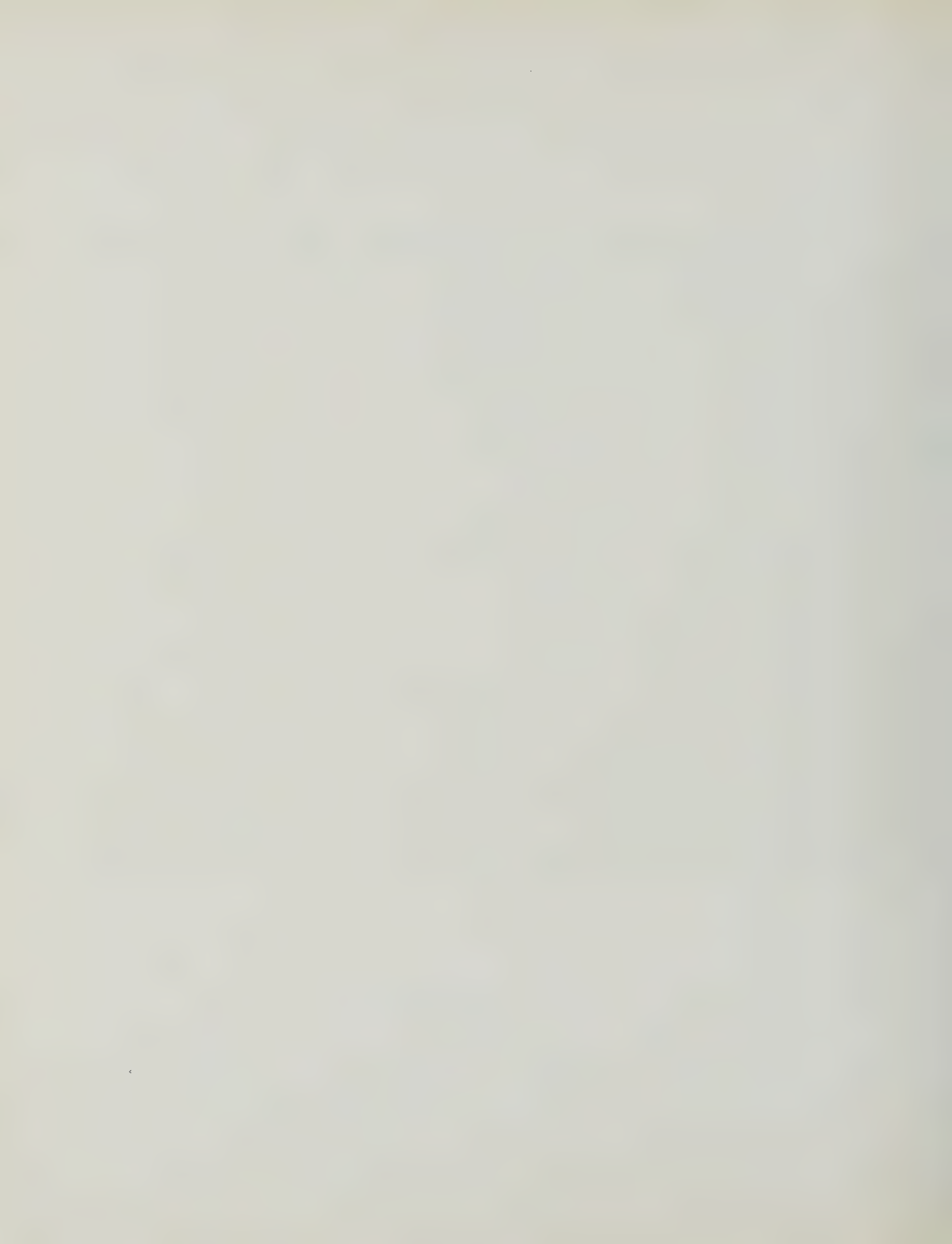




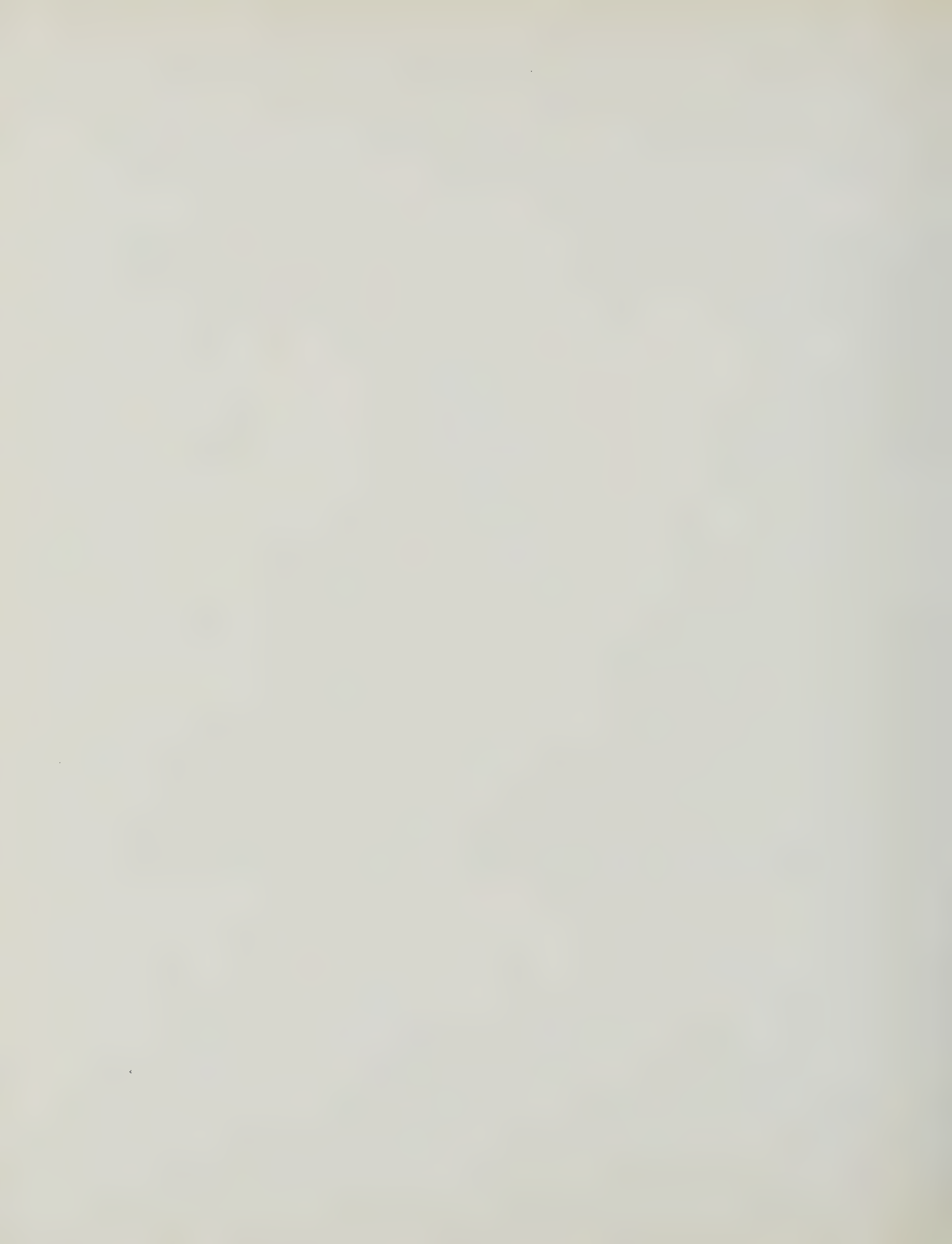












Para ir da rua Cincinato Braga ao centro da cidade, distante dois ou três quilômetros, eu descia, na maior parte das vezes a pé, a avenida Brigadeiro Luís Antônio, de aspecto suburbano, geralmente atravancada de transeuntes e de bondes. Chegava-se a seguir ao vale do Anhangabaú, atravessado pelo viaduto do Chá, que une os dois centros, antigo e novo, da cidade.

Estas vistas do viaduto em direção ao sul — como também a foto onde se vê, no centro, o Teatro Sant'anna — foram tomadas de um andar elevado do Hotel Esplanada, onde em duas ocasiões me hospedei.

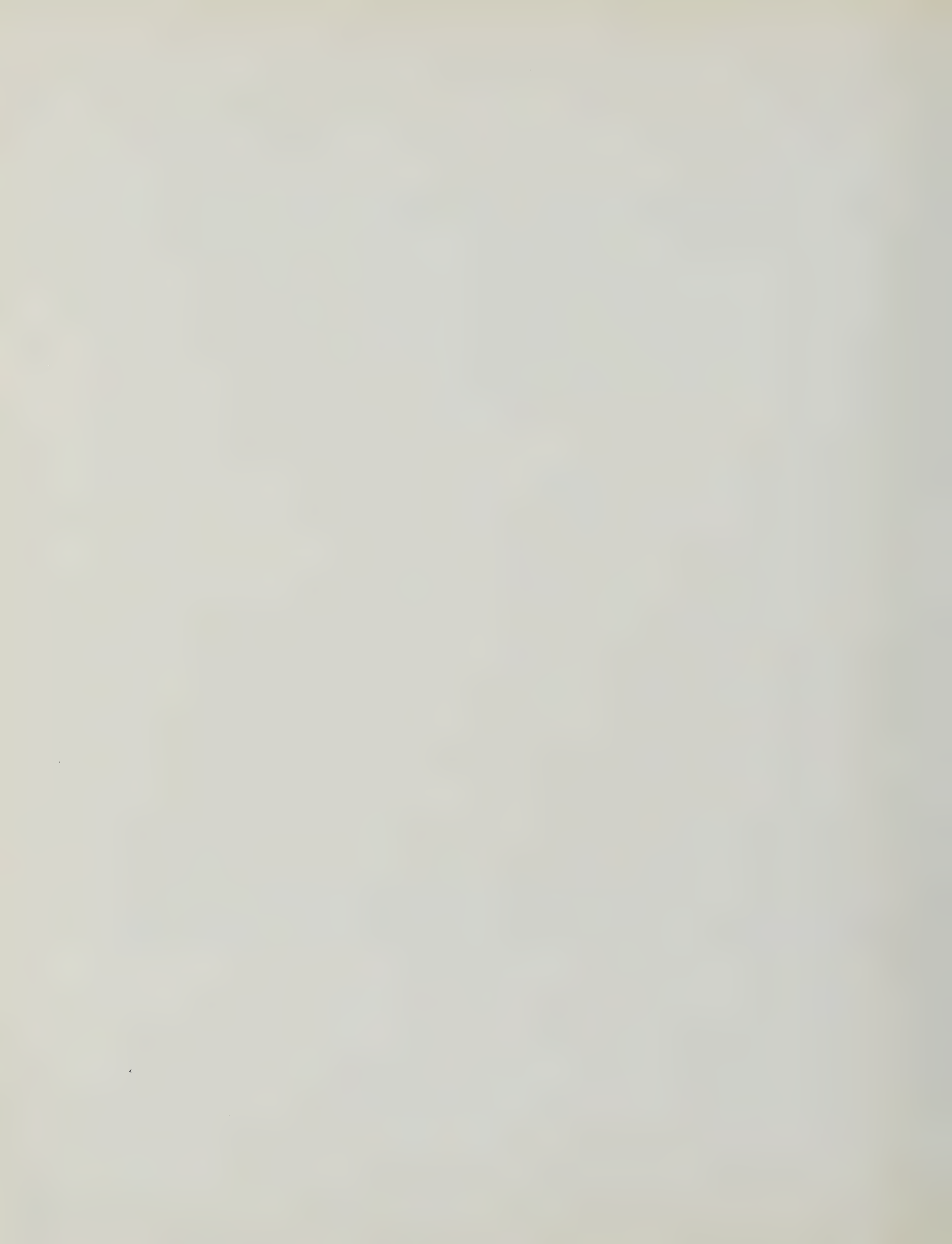
Bem abaixo dos importantes prédios que cercavam o vale e dominada por eles, uma rua popular e margeada de casas baixas e quitandas oferecia a imagem de uma São Paulo que se pressentia desapareceria em breve.



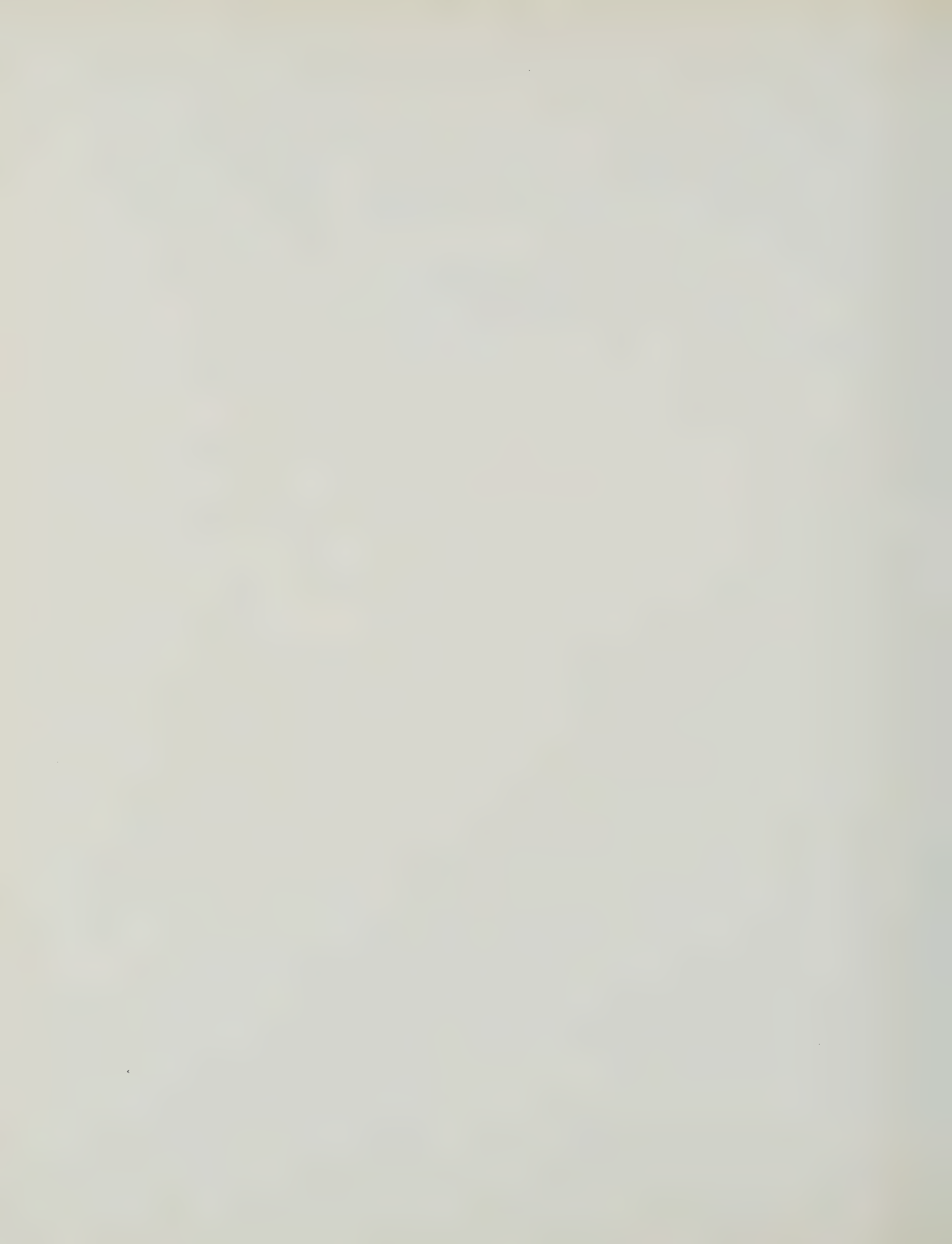





MESTRE E BLATGE
MESBLA
Mesbla
TOURING CLUB DO BRASIL



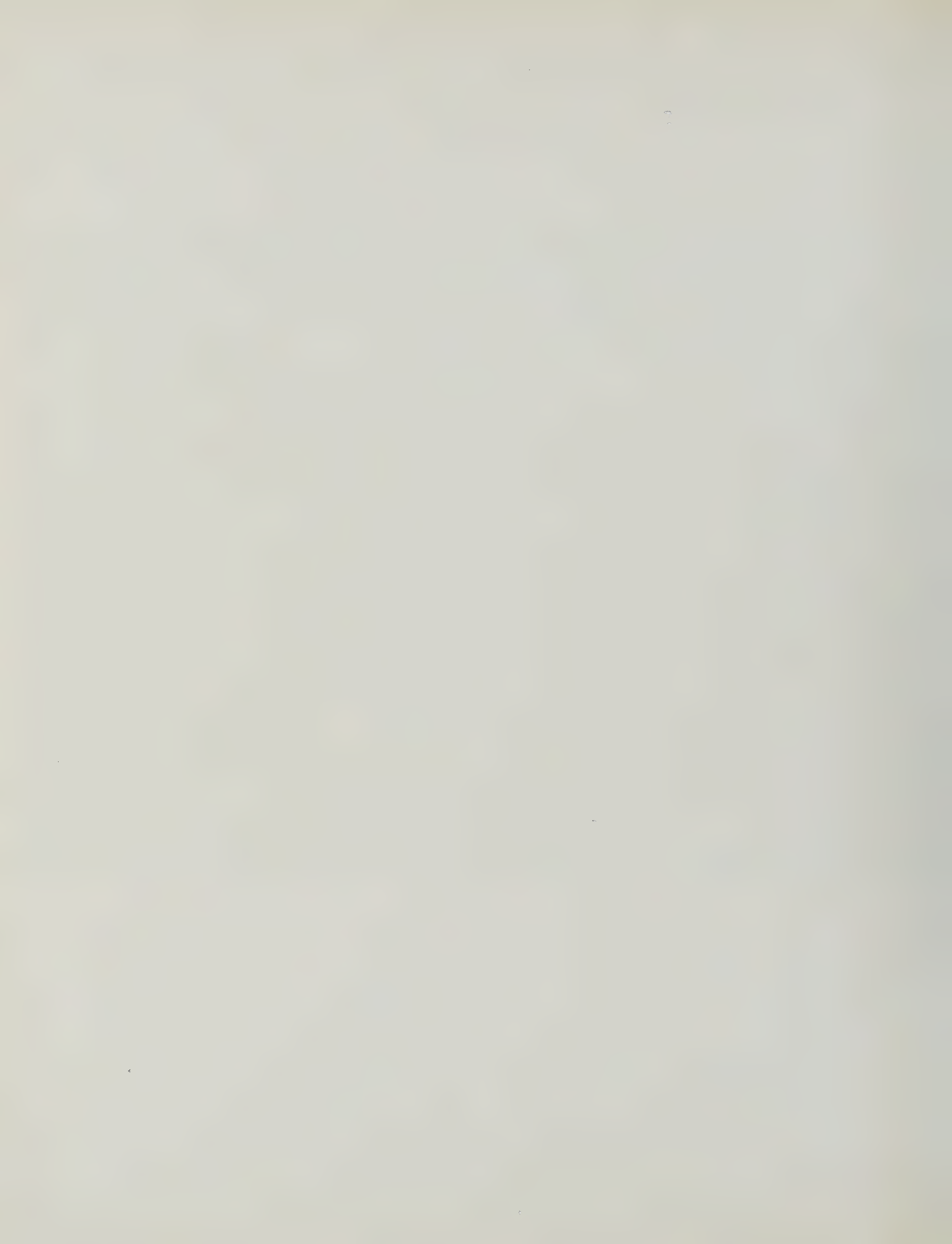

TRULHA PERDIDA
TRULHA PERDIDA
NAPOLES
NAPOLES



O encanto da cidade, o interesse que ela suscitava vinham primeiro de sua diversidade. Ruas provincianas onde o gado retardava a marcha dos bondes; bairros deteriorados que sucediam sem transição às mais ricas residências; perspectivas imprevistas sobre vastas paisagens urbanas: o relevo acidentado da cidade e as defasagens no tempo, que tornavam perceptíveis os estilos arquitetônicos, cumulavam seus efeitos para criar dia após dia espetáculos novos. Bairros nasciam. Assim, ao norte do cemitério do Araçá, as colinas do Pacaembu mal começavam a se urbanizar e painéis publicitários propunham terrenos à venda. Aqui e ali na cidade, cartazes evocavam atividades industriais ou políticas. Um outro enaltecia os sucessos da imigração japonesa, então em pleno desenvolvimento.



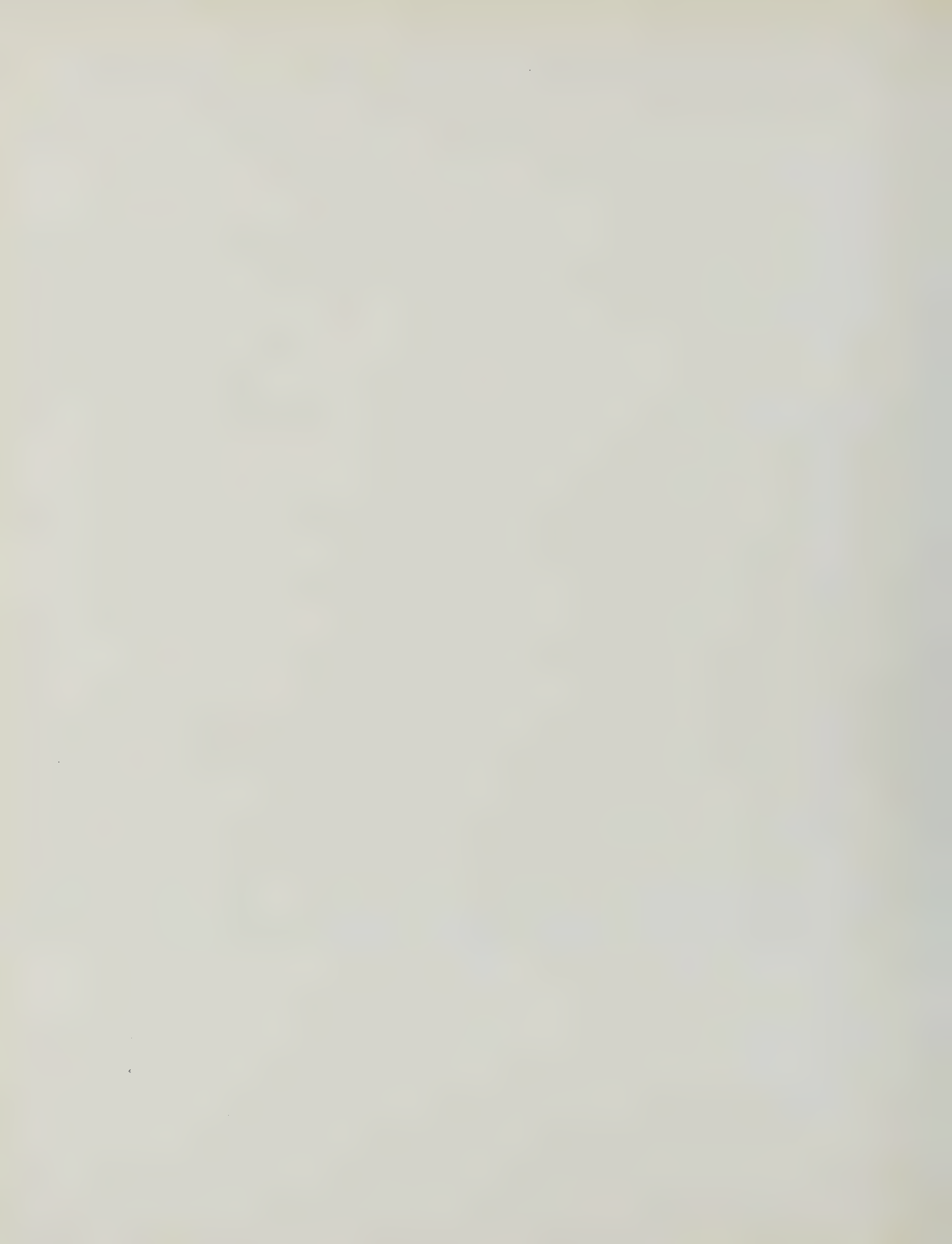

39
1073
















PIRELLI
PIRELLI
PIRELLI
PIRELLI


TEMOS
TERRENOS A VENDA
em diversas ruas deste bairro, grandes e pequ
lotes
ao preço de 1 conto a 3 contos de réis por m
ente
TRATAR COM O GEREN




中心に東はカンバラを眼下に眺め西は世界無比なる宝庫五十五萬アルケールスを望む
天恵に満ちる眞の永住地に躍進の一歩を踏め
北パラナ



LIBERDADE!

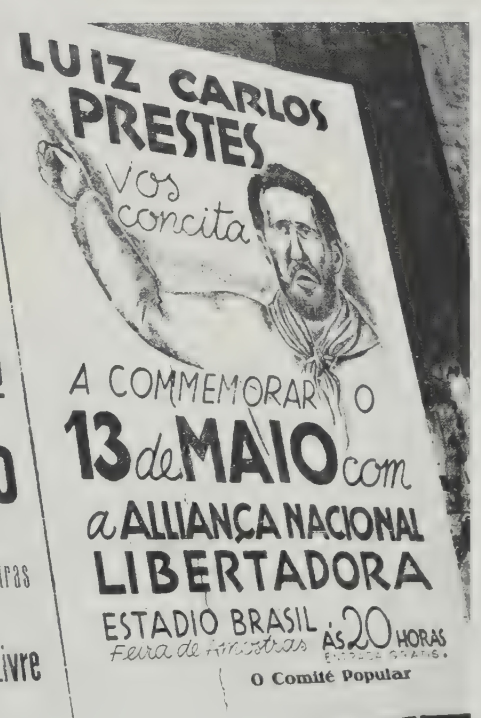
A Alliança Nacional Libertadora

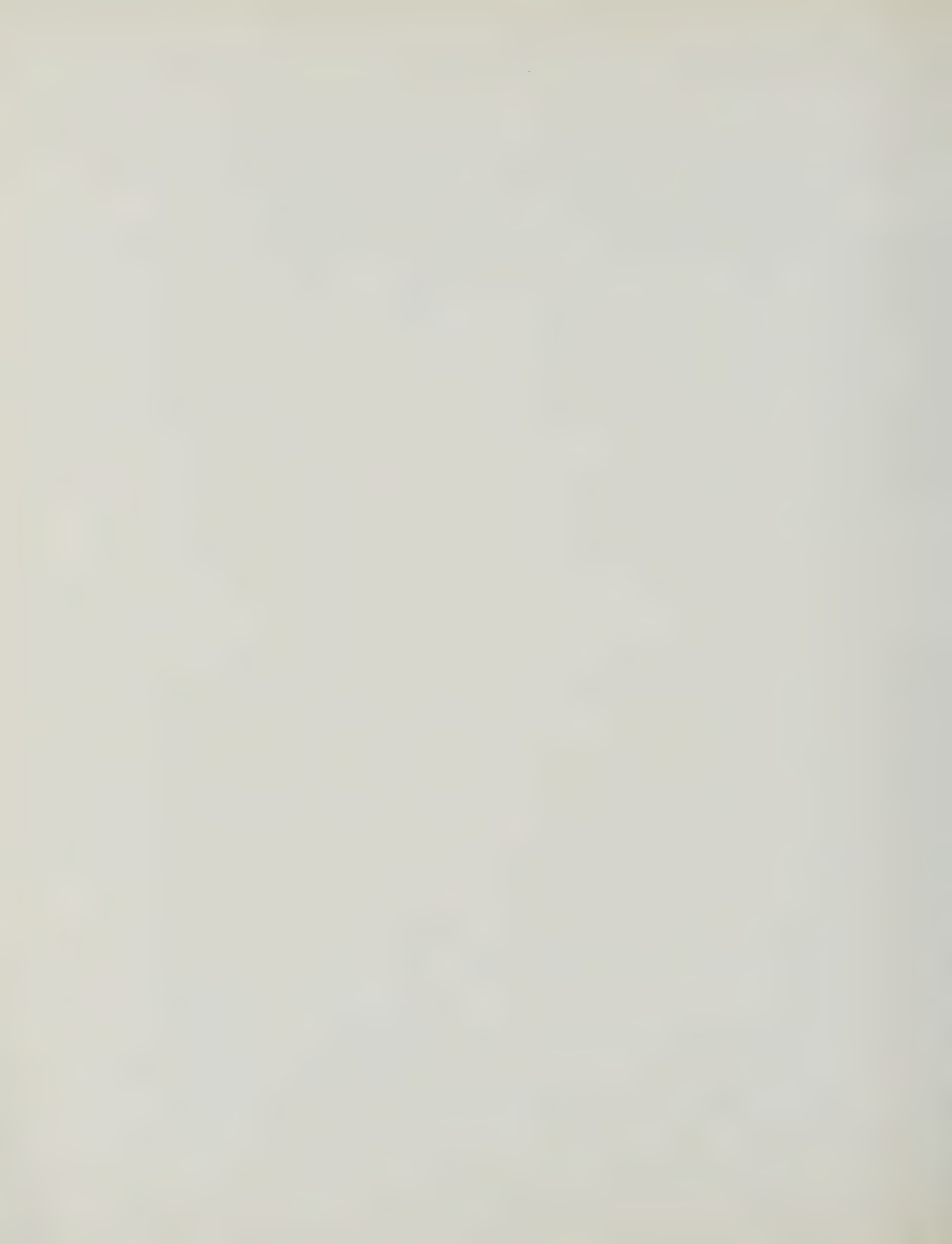
Convida o Povo a commemorar o 13 DE MAIO

Comicio Monstro

No ESTADIO BRASIL - Feira de Amostras

A'S 20 HORAS Entrada Livre

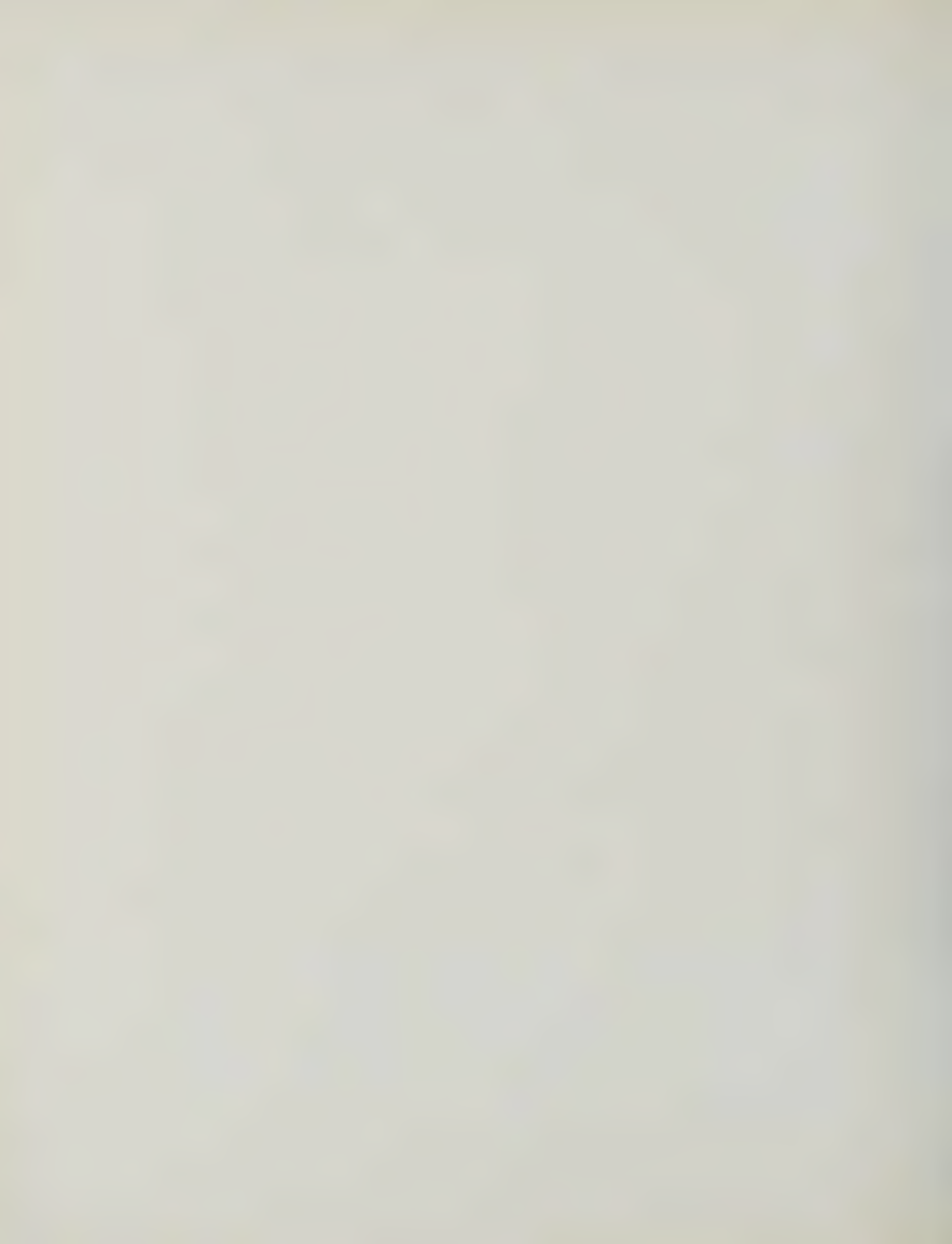




“Para os estrangeiros que residiam em São Paulo, a estrada de Santos era então um percurso familiar. Num tempo em que os aviões de longo curso para passageiros não existiam (uma pequena linha aérea apenas começava a funcionar entre São Paulo e Rio. Devo a ela meu batismo no ar) e em que todas as viagens transatlânticas se faziam por via marítima, ia-se de bom grado a Santos para esperar a chegada ou acompanhar a partida dos colegas, parentes, amigos ou viajantes importantes [...]

“A curta distância de Santos, inalterados desde a época imperial, pequenos portos de pesca eram objeto de excursão: Guarujá, Praia Grande, onde, no entardecer, parelhas de bois rebocavam na praia os barcos de regresso, aliança imprevista do peixe e do gado...

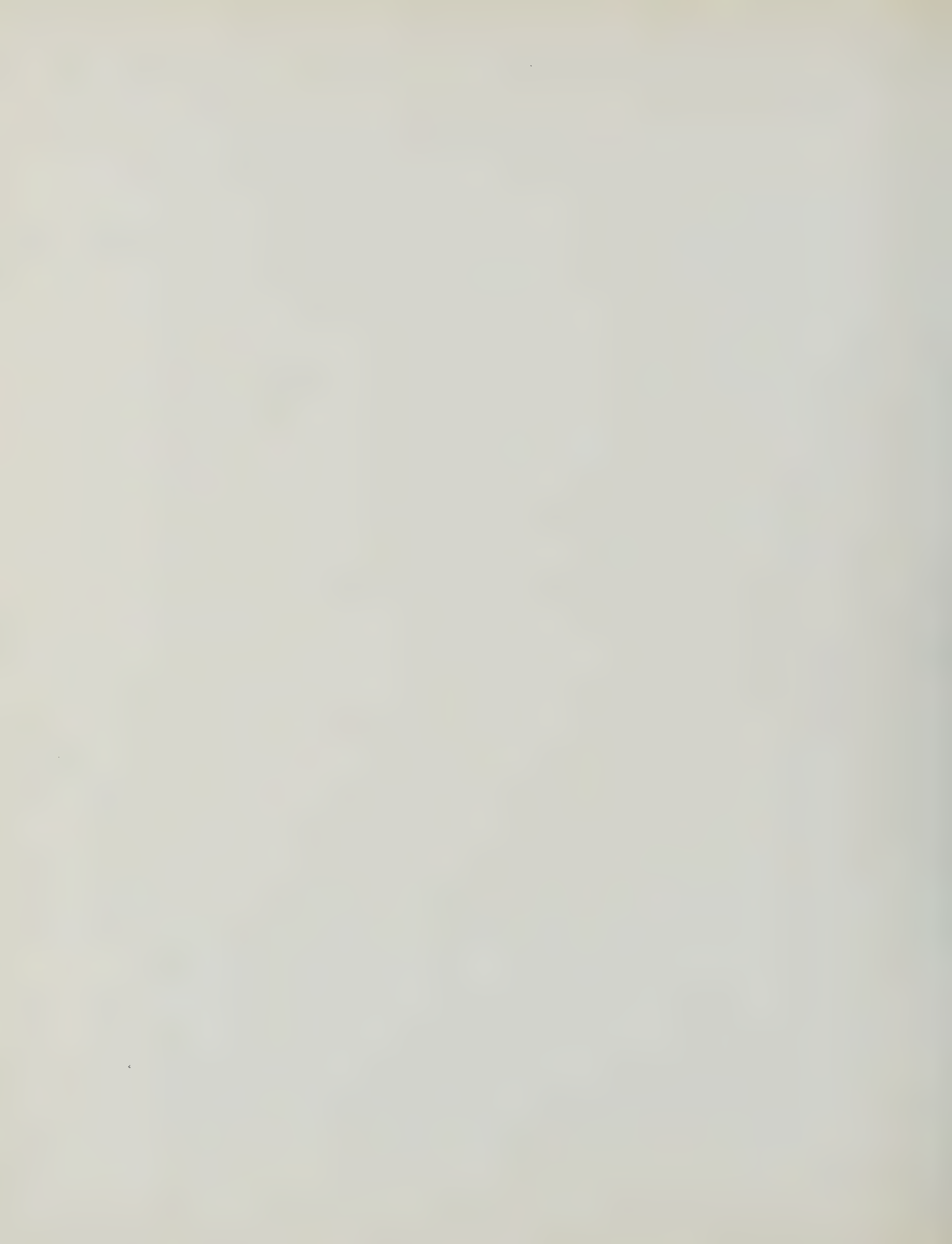
“Pendurada no flanco da serra do Mar, a estrada vertiginosa que se elevava da costa até o planalto oferecia ao viajante vindo da Europa suas primeiras imagens da floresta tropical. Chegando ao topo, ele avistava do lado do mar um prodigioso espetáculo: terra e água misturadas como na criação do mundo, imersas numa bruma nacarada que mal encobria o verde-vivo dos bananais.” (*trecho extraído do Prefácio*)
















Z1







LEGENDAS

Página 25

Prédio Martinelli, construído entre 1925 e 1929, pelo empresário Giuseppe Martinelli. Fachada principal para a avenida São João, esquina com a rua Líbero Badaró, vista a partir do vale do Anhangabaú. O edifício — na época o mais alto e o maior em área construída da capital paulista — seria ocupado plenamente apenas em meados dos anos 30.

Páginas 26-27, 28, 29

Vale do Itororó, que se estende do espigão da avenida Paulista até o centro, ao norte, ocupado atualmente pela via expressa 23 de Maio. As fotos das páginas 26-27 e 29 foram feitas nas proximidades do atual viaduto Pedroso, vendo-se na linha do horizonte a fachada posterior do prédio Martinelli. A ocupação do vale do Itororó, no trecho entre a rua Pedroso e o espigão, apresentava uma "atmosfera rural", com hortas ou restos de mata até o início dos anos 60, antes da abertura da avenida 23 de Maio (página 28).

Nota ao leitor: Identificação alterada parcialmente em relação ao livro *Saudades do Brasil* (Companhia das Letras, 1994).

Páginas 30, 31

Avenida São João, no trecho entre o edifício dos Correios, à esquerda, e a praça Antônio Prado, ao fundo. À direita, o prédio Martinelli e, ao lado, vista parcial do edifício da Delegacia Fiscal, demolido anos depois para abertura das avenidas que ocupariam o vale do Anhangabaú. As pessoas aguardam, provavelmente, a passagem de um desfile.

Páginas 33, 34, 35, 36, 37

Imagens da avenida São João, próximas à esquina da então rua Ipiranga. Eixo de expansão da área central, a avenida apresenta sinais claros dessa ocupação. O luminoso em neon do Ufa-Palace, ao fundo, indica a abertura das primeiras grandes salas de cinema, o que justificará a identificação da região como Cinelândia. O Ufa, posteriormente denominado Art Palácio, inaugurado em 1936, com projeto de Rino Levi, seria seguido por vários outros, como o Cine Metro, em 1938 (página 37), pouco antes da praça Júlio Mesquita, ou o Broadway e o Ritz, em 1941 e 1943 respectivamente, no trecho registrado na foto da página 33.

A avenida passa a receber grandes edifícios comerciais e residenciais, reflexo da importância da região, como indica a construção, na esquina da rua Dom José de Barros (página 33) e o conjunto de apartamentos em estilo art déco, na esquina da rua Timbiras (página 36), ambos à direita. As imagens da avenida mostram uma região com pontos de fácil identificação. Em

especial, os edifícios existentes ainda hoje na esquina com a avenida Ipiranga (páginas 33 e 34).

Ao fundo, em todas as imagens, o prédio Martinelli.

Páginas 39, 40, 41

A valorização da região cortada pela avenida São João, expressa pelas novas construções comerciais e residenciais, bem como pelos grandes luminosos em neon, refletia o caráter de área nobre da cidade, local de atividades sociais e de lazer. Desfiles cívicos e carnavalescos ocupariam por muitas décadas o trecho entre o vale do Anhangabaú e a avenida Ipiranga. As imagens de famílias em roupas de domingo indicam os momentos reservados ao footing e às comemorações especiais.

O largo do Paissandu, situado neste trecho, pode ser visto nestas imagens. Ao centro, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Nas laterais do largo, surgirão, em pouco mais de uma década, novos cinemas, como o Bandeirantes, em 1939, na esquina da rua Capitão Salomão (visto, ainda em obras, ao fundo da foto da página 41, numa tomada feita a partir da esquina com a rua Conselheiro Crispiniano), e o Olido (1957), no local do antigo Cine Avenida (1919), à direita (página 39).

......

Páginas 45, 46 superior, 46 inferior, 47

O desfile de blocos carnavalescos, em meados dos anos 30,

seguia um extenso circuito que, partindo da região de Campos Elíseos, seguia pelas avenidas Angélica, Paulista e Brigadeiro Luís Antônio, chegando assim à região central. Percorria então a avenida São João até retornar ao ponto inicial.

Um dos blocos pode ser visto aqui (página 45), na rua Brigadeiro Galvão, no bairro de Campos Elíseos, no trecho entre as ruas João de Barros, à direita, e Conselheiro Brotero, ao fundo.

A construção vista parcialmente à direita era utilizada nos anos 70 como sede do grupo Chic Show, setor da escola de samba Camisa Verde e Branco.

Os bairros da Barra Funda e Campos Elíseos foram berço de sociedades como o Grupo Carnavalesco Barra Funda, que originou a Camisa Verde e Branco, e o Grupo Carnavalesco Campos Elíseos.

As imagens das páginas seguintes registram, provavelmente, pontos do percurso acima indicado.

......

Páginas 50 superior, 50 inferior, 51, 52, 53

Residência de Claude Lévi-Strauss, na rua Cincinato Braga, 395, entre a rua Carlos Sampaio e a avenida Brigadeiro Luís Antônio. A imagem da página 51 mostra seu carro estacionado em frente à casa e o pai — Raymond — fotografando a rua. A rua Cincinato Braga aparece, nas imagens menores, no trecho que se estende em direção à rua 13 de Maio. A região, a um

quarteirão da avenida Paulista, passou a ser ocupada por edifícios residenciais já nos anos 60 e, duas décadas após, por construções comerciais de grande porte. A caixa-d'água, que se vê ao fundo na página 50, indica o Reservatório da Liberdade, na rua 13 de Maio, ainda em atividade.

Na direção oposta, vê-se o longo muro de tijolos e a torre da Igreja da Imaculada Conceição, localizada na esquina com a avenida Brigadeiro Luís Antônio (página 52). Esta avenida, com seu intenso tráfego de bondes e carros, era a principal via de acesso da região para o centro da cidade (página 53).

Páginas 55, 56, 57, 59

As excursões pelo bairro permitiram o registro de trechos da cidade até hoje pouco documentados. Descendo em direção ao centro, a partir do espigão da Paulista, Claude Lévi-Strauss realizou fotografias de áreas ainda não ocupadas, como o vale do Itororó. As fotos das páginas 56 e 57 mostram a rua da Assembléia, no trecho que desapareceria após a construção da via expressa 23 de Maio, ocupando o fundo do vale. Na imagem da página 57, uma tomada feita em direção ao espigão da avenida Paulista, vê-se no horizonte a torre e parte do convento e Igreja do Carmo, à rua Martiniano de Carvalho. Os sobrados, à direita, entre as ruas da Assembléia e Jandaia, seriam demolidos nos anos 80, revelando grande arcada em alvenaria, que funciona como muro de arrimo entre as duas vias, visível atualmente a partir da avenida 23 de Maio. O local onde

está estacionado o automóvel indica a confluência da rua Asdrúbal do Nascimento.

A imagem da página anterior mostra o trecho em curva que permite o acesso à praça Carlos Gomes, junto ao edifício de apartamentos ao fundo. Com a abertura da avenida 23 de Maio, apenas o acesso à praça permanece em uso pelos veículos que saem da via expressa.

Praça Carlos Gomes (página 59), vista a partir da conexão com a rua da Liberdade. Ao fundo, a rua Rodrigo Silva. Na linha do horizonte, o prédio Martinelli.

......

Páginas 62-63, 64, 65

Panorama do vale do Anhangabaú, em imagens feitas a partir do Hotel Esplanada, atrás do Teatro Municipal. Em primeiro plano, os jardins da Esplanada do Municipal e do Parque do Anhangabaú. Ao fundo, a partir da esquerda, um dos Palacetes Prates, à rua Líbero Badaró, ocupados pela Prefeitura e pela Câmara Municipal. Ao lado, junto à embocadura do novo viaduto do Chá, em fase de finalização, vê-se, em obras, o edifício-sede do grupo industrial Matarazzo (IRFM), na esquina da rua Líbero Badaró com a rua Direita, no centro velho.

Na outra extremidade do viaduto do Chá, o edifício Alexander Mackenzie, sede da The São Paulo Tramway, Light and Power Ltd — a Light, concessionária de serviços de bondes,

iluminação pública e fornecimento de energia elétrica, na esquina da rua Xavier de Toledo. O edifício aparece na imagem (página 64), na esquina oposta às obras da nova sede da loja de departamentos Mappin Stores, construída em frente ao Teatro Municipal, visto aqui parcialmente.

O panorama, a partir do Hotel Esplanada, permite observar na foto da página 65 o Teatro Sant'anna, na rua 24 de Maio, em pleno "Centro Novo", região compreendida entre a rua 7 de Abril, a praça da República e a avenida São João. O edifício alto, à direita do teatro, abrigava a galeria comercial Guatapará, uma das mais antigas da região, que nos anos seguintes seria ocupada por empreendimentos similares. A loja Mesbla, em primeiro plano, ainda com a denominação Mestre e Blatge, mudará anos depois para o atual edifício, ao lado da Galeria Guatapará, na esquina com a rua Dom José de Barros.

Página 67

As alterações realizadas na região central da cidade de São Paulo ao longo dos anos 30 e 40 modificaram radicalmente o desenho urbano. Mudanças nas características de diversos trechos refletem o processo de metropolização.

Em algumas áreas do centro era possível a convivência de velhos edifícios e novas estruturas. A rua do Anhangabaú, vista do alto, a partir da rua Líbero Badaró, mostra o cruzamento com a avenida São João. Por trás do casario baixo, em primeiro plano, que será demolido anos após dando lugar à praça do

Correio, surgem os edifícios da Delegacia Fiscal, à esquerda, e da sede dos Correios, à direita. Ao fundo, vê-se parte do edifício Alexander Mackenzie e, à direita, o Hotel Esplanada.

......

Páginas 70, 71

Rua da Liberdade, em ponto próximo à praça de mesmo nome, vista em direção ao centro da cidade (identificação provável).

Página 73

Rua Santana do Paraíso, ao centro, interrompida neste trecho pelo vale do Itororó, aqui indicado pelos varais de roupas. Ao fundo, a rua Vergueiro, vendo-se uma grande arcada em alvenaria de pedra. Parte do edifício em curva, ao fundo, na esquina da rua Castro Alves, permanece inalterada. À direita, os fundos do Cine-Teatro Paulistano (1928).

Páginas 74-75, 77

Panorama do vale do Itororó, próximo ao centro, realizado provavelmente a partir de imóvel na rua da Liberdade.

Os sobrados, à esquerda, foram construídos ao longo das ruas da Assembléia e Jandaia (veja página 57). Ao fundo, a rua Asdrúbal do Nascimento, descendo em diagonal, a partir da avenida Brigadeiro Luís Antônio.

Páginas 78, 79

O Columbus, um dos primeiros edifícios de apartamentos de traços modernos da cidade de São Paulo, foi projetado pelo arquiteto Rino Levi. Localizado na avenida Brigadeiro Luís Antônio, próximo ao cruzamento da rua Asdrúbal do Nascimento, foi demolido décadas depois.

Páginas 80, 81

A expansão da cidade, nos anos 20 e 30, presenciou iniciativas de loteamentos de alto padrão, entre eles os promovidos pela Cia. City na região dos Jardins e do Pacaembu.

O bairro da Aclimação, junto ao parque, apresenta uma ocupação similar, de menor porte. A rua Topázio, vista a partir da avenida Aclimação, mostra casarões na parte baixa da colina, que receberia anos depois a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Aclimação, com frente para a rua Brás Cubas. Na foto ao lado, Raymond Lévi-Strauss posa para o filho em frente a anúncio de imobiliária, no mesmo bairro.

Páginas 82, 83 superior, 83 inferior

Imagens isoladas neste conjunto de fotos mostram cartazes e folhetos que, afixados em locais públicos, registram fatos relevantes do período. Um dos cartazes, dirigido à colônia japonesa, atesta a ocupação de terras no norte do Paraná, próximo à cidade de Cambará. Outro convoca a população para o comício de 13 de maio promovido pela ANL, que reuniria 6 mil pessoas no Está-

dio Brasil, no Rio de Janeiro, em 1935. Os anúncios de algodão, por sua vez, revelam provavelmente o esforço em prol da policultura promovido pela administração estadual de Armando de Salles Oliveira.

......

Páginas 87, 88, 89 superior, 89 inferior

Pescadores utilizam juntas de bois para puxar redes, na Praia Grande, então município de São Vicente, no trecho entre o Canto do Forte, próximo à Fortaleza de Itaipu, e o Boqueirão. Embora urbanizada e muito freqüentada por banhistas, a praia apresenta ainda hoje um pequeno mercado de pesca com barcos ancorados e redes penduradas em postes.

Páginas 91, 92, 93

Viagens a Santos como programa de lazer ou para despedida e recepção de amigos no porto eram habituais para os paulistanos. O ponto de embarque de passageiros, em meio aos armazéns, e o Mercado de Pesca, na altura dos armazéns 15 e 16, eram locais muito visitados. A Bacia do Mercado, como é conhecida atualmente a região (página 93), utilizada para desembarque de pescado, funciona hoje como terminal de passageiros que fazem a travessia entre Vicente de Carvalho (Guarujá) e Santos. O mercado ali localizado, tradicional presença em cartões-postais, permanece no local, em novo edifício.

Páginas 94-95

Panorama do litoral, a partir do Caminho do Mar, estrada de comunicação entre a capital e a baixada santista, construída entre 1913 e 1925, na Serra do Mar. Fotografia realizada, provavelmente, na altura do quilômetro 47, onde se localiza o Rancho da Maioridade. A rodovia, que foi o principal acesso rodoviário ao litoral até a construção da Via Anchieta, nos anos 50, está interditada ao tráfego de veículos.

Ricardo Mendes

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA EDITORA M.A.S EM GARAMOND E IMPRESSA PELA GRÁFICA EDITORA HAMBURG EM OFF-SET SOBRE PAPEL COUCHÊ FOSCO DA COMPANHIA SUZANO PARA A EDITORA SCHWARCZ EM JANEIRO DE 1996.




N
45
AV. SÃO JOÃO
AVENIDA PACAEMBU
R. DR. VEIGA FILHO
R. ALBUQUERQUE
R. MART. FRANCISCO
AVENIDA ANGÉLICA
R. JAGUARIBE
SANTA CASA
R. CESÁRIO MOTA
R. MARQUESA DE
AVENIDA HIGIENÓPOLIS
R. ALAGOAS
PR. B. AIRES
R. ITAI
ESTÁDIO PACAEMBU
R. ITAJOBI
R. M. ANTÔNIA
R. ITAMBÉ
R. DR. ANT. DE QUEIRÓS
R. CONS
PR. ROOS
CEMIT. DA CONSOLAÇÃO
CEMITÉRIO MUNICIPAL DO ARAÇÁ
AVENIDA DR. ARNALDO
R. MAJ. NATHANAEL
R. CONSOLAÇÃO
R. CINTRA
R. AUGUSTA
R. CANECA
R. FREI CARLOS
R. ANTÔNIO CARLOS
AVENIDA
FAC. DA MEDICINA
HOSP. DAS CLÍNICAS
AVENIDA REBOUÇAS
AVENIDA
R. BARATA RIBEIRO
R. MANU
R. CON
R. ROCHA
R. ITAPEVA
ALAMEDA
ALAMEDA
ALAMEDA
PARQUE S. CAMPOS
TÚNEL
R. SÃO CARLOS DO PINHAL
AVENIDA PAULISTA
R. CONSOLAÇÃO
R. ESTADOS UNIDOS
AZEVEDO
FRANCA
LORENA
ROCHA
DE JULHO
CAMPINAS
AVENIDA
52



Claude Lévi-Strauss nasceu em Bruxelas em 1908. Estudou em Paris e tornou-se professor de filosofia em 1931. Nomeado membro da missão universitária no Brasil, em 1935 mudou-se para São Paulo, onde ocupou uma cadeira de sociologia na então recém-inaugurada Universidade de São Paulo. Ali descobriu sua vocação de etnólogo, e organizou diversas expedições científicas ao Mato Grosso e à Amazônia meridional.

De volta à França, foi convocado em 1939 e, depois do armistício entre a França e a Alemanha, conseguiu partir para os Estados Unidos, onde passou o resto dos anos da guerra. Engajou-se como voluntário nas Forças francesas livres e foi nomeado para a missão científica francesa nos Estados Unidos. Com o fim da guerra, tornou-se conselheiro cultural da embaixada da França, função que ocupou até 1947, quando retornou à França e se consagrou definitivamente à vida acadêmica.

Em 1959, tornou-se titular da cadeira de antropologia social no Collège de France, e, em 1973, membro da Academia Francesa.

Lévi-Strauss criou uma nova metodologia para a etnologia — rompeu com o evolucionismo unilinear e o funcionalismo —, apoiando-se na lingüística e nas aplicações científicas da comunicação para constituir sua Antropologia Estrutural. Sua vasta obra, que inclui *As estruturas elementares do parentesco* (1949), *Tristes trópicos* (1955), *O pensamento selvagem* (1962), o ciclo das *Mitológicas* (1964-71), *A via das máscaras* (1975), *A oleira ciumenta* (1985), *História de Lince* e *Saudades do Brasil* (lançados respectivamente em 1993 e 1994 pela Companhia das Letras), exerceu uma influência considerável sobre todas as ciências humanas.

Uma cidade em que o gado convivia com carros e bondes nas ruas; em que construções moderníssimas despontavam no topo de colinas ainda rústicas; em que lençóis caseiros, pendurados nos varais, formavam o primeiro plano para o imponente prédio Martinelli.

Esta a paisagem que Claude Lévi-Strauss, então um jovem professor e fotógrafo nas horas vagas, encontrou e registrou fascinado entre 1935 e 1937, quando veio trabalhar na Universidade de São Paulo. Agora, sessenta anos mais tarde, ciente de que uma cidade é "como um texto que, para compreender, é preciso saber ler e analisar", o antropólogo escreveu um depoimento memorável em que revisita essas imagens, construindo para as novas gerações o mapa de uma belíssima viagem, no espaço e no tempo.